

**TECNOLOGIA E LETRAMENTO  
NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

*Alessandra de Oliveira Jorge* (UNIGRANRIO)

[alessandralesouza@oi.com.br](mailto:alessandralesouza@oi.com.br)

*Jurema Rosa Lopes* (UNIGRANRIO)

[juremarosa@ig.com.br](mailto:juremarosa@ig.com.br)

**RESUMO**

Esta reflexão faz parte da pesquisa que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas na UNIGRANRIO, tem como objetivo analisar como as novas tecnologias podem auxiliar os alunos da educação de jovens e adultos (EJA) na aprendizagem. A educação de jovens e adultos é uma modalidade da Educação Básica que atende um público específico, historicamente excluído. Os alunos da EJA formam, na sociedade brasileira, o universo daqueles que por vários motivos tiveram seus direitos a educação, negados. Alguns passaram pelos bancos escolares, mas não conseguiram completar os estudos. Nossa intenção é trazer para a presente reflexão a questão da alfabetização e letramento enquanto práticas indissociáveis, acrescidas do letramento digital presente no universo do professor e do aluno jovem, adulto e idoso. Acreditamos que as tecnologias se fazem necessárias na aprendizagem uma vez que essas, hoje, fazem parte do nosso cotidiano. Na presente reflexão trazemos fragmentos da narrativa de quatro sujeitos do estudo, alunos da EJA, especialmente sobre o uso das novas tecnologias.

**Palavras-chave:** Letramento. Tecnologias. Aprendizagem.

**1. Introdução**

A discussão sobre a modalidade da educação de jovens e adultos, durante muito tempo, tem sido colocada em segundo plano na sociedade brasileira. O jovem ou adulto que frequenta essa modalidade de ensino, geralmente, teve na sua trajetória de vida, dificuldades em se apropriar da leitura e da escrita na idade esperada, e atingir níveis consideráveis de letramento, (inclusive o digital).

Questões relativas ao processo de ensinar e aprender, nos dias atuais, se apresentam como um desafio para os professores, uma vez que, em ritmo acelerado, novas demandas surgem na sociedade, de maneira que os professores nas escolas encontram dificuldades em dar conta dessas demandas.

Considerando a educação de jovens e adultos, especialmente no que se refere ao processo de alfabetização, atualmente, um dos desafios

para os professores, no caso dos jovens, é fazer com que tenham estímulos e queiram aprender o que a escola propõe. No caso dos adultos, o desafio posto ao professor é articular os saberes adquiridos por esse público no seu dia a dia aos conteúdos propostos pela escola, aliada a uma formação necessária para tornarem cidadãos conscientes de seus direitos e deveres.

Alfabetizar<sup>103</sup> de uma maneira mais ampla, vai muito além de, se apropriar do sistema alfabético e saber ler um bilhete simples, é saber ler nas entrelinhas dos enunciados, cartazes, artigos e resenhas. No caso do Rio de Janeiro, geralmente, os alunos da EJA são pessoas oriundas de vários estados, que migram em busca de melhores condições de vida para si e suas famílias. Essas pessoas chegam nas grandes metrópoles brasileiras na região sudeste com o seu dialeto regional, peculiar de seus estados e ao adentrarem a escola se deparam com uma nova linguagem, uma norma padrão, da qual precisam se apropriar para adquirir uma alfabetização e o letramento. Esses jovens e adultos se deparam com esse desafio, que é uma nova linguagem, a comunicação que nem sempre se dá de forma fluída como deveria e outra questão não menos importante é o uso das novas tecnologias que estão presentes na sociedade e constituem o cotidiano desses alunos que usam e se apropriam das mesmas.

Na presente reflexão, especialmente sobre o uso das novas tecnologias, trazemos fragmentos da narrativa de quatro sujeitos do estudo, alunos do ensino fundamental/EJA de uma escola pública situada no município de Nova Iguaçu/RJ.

A sociedade informatizada exige de todos nós um esforço, no sentido de aprender e reaprender novos códigos, como os das novas tecnologias. As aprendizagens online, os chats, salas de aula virtual, ao mesmo tempo tem aumentado a comunicação e modificado a forma de tratarmos as pessoas, os relacionamentos, a atividade de trabalho, enfim modificado a própria convivência diária na sociedade, conforme destaca a Aluna M, ao atribuir funções para alguns equipamentos: “O celular controla os filhos, as amigas, a TV vemos notícias, o computador paga as contas, os aparelhos modernos são acessíveis sim, acho as TV modernas, mas ainda é caro para o pobre”. (Aluna M. 45 anos).

---

<sup>103</sup> São considerados analfabetos funcionais pelo IBGE, aqueles com menos de quatro anos de estudo. Trata-se de um conceito sugerido pela UNESCO para facilitar o estabelecimento de comparações internacionais válidas. Este conceito pretende ampliar a definição convencional que caracteriza como analfabeta a pessoa que não sabe ler e escrever um bilhete simples.

A frase: “*o celular controla os filhos, as amigas*” nos leva a refletir sobre as formas atuais de controle e comunicação entre as pessoas e como as mesmas se apropriam dessas técnicas que podem representar, aparente melhoria das condições de vida ao reconhecer que, embora caro, “*os aparelhos modernos são acessíveis sim*”. Essa nova configuração da sociedade exige de nós, enquanto formadores, novas inserções nos ambientes e na forma de agir. Dessa forma visitar algumas experiências e agregar novas, se fazem necessárias para o ensino, de modo, a facilitar a aquisição do processo de novas aprendizagens, fugindo dos padrões tradicionais, dos quais estamos acostumados. Estudiosos do assunto, tais como: Soares (2004) e Mortatti (2011) entre outros, nos ajudam a pensar e refletir sobre propostas de intervenções em nosso dia a dia na sala de aula e outros espaços de aprendizagem, e nos apontam algumas respostas que precisamos validar em nosso cotidiano.

### **2. Alfabetização e letramento na educação de jovens e adultos: considerações iniciais**

Alfabetização e letramento, segundo Soares (1987) são processos diferentes, mas na prática indissociáveis. A alfabetização é concebida como o processo de aquisição do sistema ou códigos da escrita. O letramento é o desenvolvimento das práticas sociais da leitura e da escrita vistos como indissociáveis esses dois processos. Um é condição para o outro, e um não precede o outro e os dois podem ser realizados concomitantemente.

No Brasil, o termo letramento na literatura educacional é recente, no entanto a alfabetização, conforme registrado no relatório da VI CONFITEA (2009), sempre foi uma preocupação dos governantes e a difusão do termo e das ações se efetivaram no decorrer do século XX, acompanhando a constituição tardiamente do sistema público de ensino. Até os fins do século XIX, as oportunidades de escolarização eram bem diminutas, tinha acesso as elites proprietárias e aos homens livres das vilas e cidades, que eram minoria da população. O primeiro recenseamento nacional brasileiro foi realizado durante o Império, em 1872, quando ficou evidenciado que 82,3% das pessoas com mais de cinco anos de idade eram analfabetas. Essa mesma proporção de analfabetos foi encontrada pelo censo realizado em 1890, após a Proclamação da República (VI CONFITEA, p. 14-15).

No início do período republicano no Brasil, a alfabetização e a instrução elementar do povo ocuparam lugar de destaque nos discursos de políticos e intelectuais, que qualificavam o analfabetismo como *vergonha nacional* e creditavam à alfabetização o poder da elevação moral e intelectual do país, a regeneração da massa dos pobres brancos e negros libertos, a iluminação do povo e o disciplinamento das camadas populares.

Nessa configuração, o processo de alfabetização do povo, através das políticas governamentais se apresentaram no decorrer do Século XIX e ainda se apresentam como “campanhas”, “cruzadas”, “movimentos”, “programas” que tentam “iluminar o povo” ou “libertar” a partir da alfabetização, reduzindo à falta da leitura e da escrita a raiz fundante das diferenças entre a população. Simplificam as diferenças sem considerar a diversidade e multiplicidade de situações relativas às questões étnico-racial, de gênero, geracionais, aspectos culturais e regionais, entre outros. Acreditamos que o público da EJA tem necessidades muito específicas e precisamos nos preocupar com todas essas especificidades e diversidades: da língua, do lugar, dos espaços, da cultura.

A diversidade e especificidade dos jovens e adultos atendidos pela EJA nos remete a um olhar diferenciado também para os espaços disseminadores da aprendizagem e saber aproveitá-los em favor desse público. Ao considerar a escola ou mais especificamente as salas de aula, como mais um dos espaços de aprendizagem, essas, precisam ser um ambiente favorável para que as aprendizagens ocorram. Salas equipadas e preparadas com novas tecnologias, professores com formação adequada, material didático de acordo com a realidade da EJA, deve ser um compromisso de todos. Vivemos numa sociedade em permanente processo de mudança, atualmente em nosso cotidiano somos levados a acessar todos os tipos de tecnologias que surgem como explica o jovem Aluno U:

As tecnologias são boas nos ajudam na comunicação, eu tenho, meu pai que comprou pra mim um celular. Por que lá em casa não tem wifi e eu roubo do vizinho, vejo o resultado da loto fácil pra minha mãe, eu faço montagem, baixo música, formato celular, desbloqueio celular, sei tudo. Eu aprendi sozinho desde pequeno. Eu gostaria de ter um MOTO G, mas é muito caro”. (Aluno U. 16 anos).

A frase “*eu aprendi sozinho desde pequeno*” nos faz questionar a escola entendida ainda como o único espaço de aprendizagem. Ao dizer que gostaria de ter “*um MOTO G mas é muito caro*” nos parece que a barreira financeira não se apresenta em absoluto como empecilho ao uso das novas tecnologias e também não impede a sua inserção ao letramento

digital, evidência destacada ao ressaltar que” *vejo o resultado da loto para a minha mãe*” e acrescenta “*sei tudo*”. Ele aprendeu sozinho a partir de sua vontade. Seriam esses alunos, aos dezesseis anos, representantes da geração digital?

As novas tecnologias soam como uma ferramenta a possibilitar a inserção dos jovens e adultos no contexto atual. Vale destacar que pensamos essa inserção dos alunos da EJA se efetivando através do uso de tecnológicas convencionais e/ou modernas como: (caderno, lápis, celular, internet etc.), que estão presentes em nosso dia a dia, nos comerciais de TV, no ambiente de trabalho, enfim na sociedade. As tecnologias, assim como as novas tecnologias formam um instrumento a mais para a apropriação de conhecimentos. Estas coexistem simultaneamente, nos diferentes espaços sociais e essas várias linguagens, de diversas formas e maneiras, ajudam a entender o mundo e todo o processo que norteia o conhecimento.

### **3. *As várias formas de aquisição da linguagem: considerações sobre as novas tecnologias***

No atual panorama educacional a ressignificação de alguns conceitos e estratégias se fazem necessários, neste contexto surge um novo paradigma, que vai além da alfabetização com o letramento, com o intuito de agregar novos saberes de forma mais dinâmica, complexa e virtual, que é, o letramento digital<sup>104</sup>.

O letramento digital se apresenta como desafio aos professores na medida em que as escolas, não estão estruturadas para dar conta desse novo contexto da era digital o hipertexto<sup>105</sup>. O hipertexto consiste e permite ao mesmo tempo lidar com outros recursos virtuais como: vídeos, músicas, textos, filmes, documentários etc., para a aquisição do conhecimento.

---

<sup>104</sup> De acordo com Xavier (2012), o letramento digital traz consigo uma série de situações de comunicação nunca vividas antes da chegada das inovações tecnológicas computacionais. As experiências das salas de bate-papo (chat), fóruns eletrônicos, correio eletrônico (e-mail).

<sup>105</sup> Em linhas gerais, segundo Xavier (2012), o hipertexto *on-line* é a página eletrônica da Internet que permite acesso simultâneo do leitor a textos, imagens e sons de modo interativo e não-linear, possibilitando visitar outras páginas e assim controlar até certo ponto sua leitura-navegação na grande rede de computadores.

Nossa experiência em escola pública nos autoriza a dizer que são poucas as realidades escolares, que dispõem de estrutura física e recursos materiais e humanos para desenvolver o processo de letramento digital, de maneira que, o aluno possa ter acesso às tecnologias e possam usá-las como facilitadora da aprendizagem.

Até onde conhecemos, as escolas, não dispõem de rede wifi, com computadores ligados, e acesso suficiente para atender aos alunos. Geralmente, há um laboratório de informática com alguns computadores, usados pela escola, em dias e horários pré-determinados pela equipe pedagógica. Em algumas escolas públicas há um mediador tecnológico (pessoa designada pela escola, para esta função), esse profissional não é necessariamente, o professor regente. Acreditamos no uso das novas tecnologias na escola como prática social facilitadora da apropriação do conhecimento escolar tanto para os professores, demais profissionais e alunos.

Mas o que é tecnologia? É importante lembrar que, a história do homem iniciou juntamente com a história das técnicas, com a utilização de objetos que foram transformados em instrumentos diferenciados, evoluindo em complexidade juntamente com o processo de construção das sociedades humanas. (VERASZTO, 2003)

A tecnologia evoluiu da técnica, que na história da humanidade foi evoluindo com o próprio homem. Inicialmente era um processo onde a contemplação científica praticamente não exercia influências (KNELLER, 1978). O significado original do termo *techné* tem sua origem a partir de uma das variáveis de um verbo que significa fabricar, produzir, construir, dar à luz, o verbo *teuchô* ou *tictéin*, cujo sentido vem de Homero; e *teuchos* significa ferramenta, instrumento (TOLMASQUIM, 1989). A palavra tecnologia provém de uma junção do termo *tecno*, do grego *techné*, que é saber fazer, e *logia*, do grego *logus*, razão. Portanto, tecnologia significa a razão do saber fazer (RODRIGUES, 2001). Em outras palavras a técnica significa estudo da própria atividade do modificar, do transformar, do agir. (VERASZTO, 2003)

Uma tênue linha constitui a divisão espaço-tempo da evolução da técnica para a revolução tecnológica, se é que há, esse conceito está presente no próprio sentido da existência humana. O professor que lê para seus alunos, o faz, para que estes percebam, a importância da leitura e dos mais variados gêneros textuais, e sua função simbólica prática, assim como a escrita. Neste sentido, o livro constitui uma tecnologia, para a

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

técnica da leitura. As técnicas, assim como, as tecnologias surgiram e se aperfeiçoam à medida que, o homem evolui, por uma razão: a necessidade da mudança, a resolução de um problema, a curiosidade, sem essas premissas, não teria sentido criá-las. Nesse ponto Soares destaca que:

Tecnologia não melhora a essência do que se ensina e sim a forma de transmiti-la. Assumir o emprego de tecnologias educacionais favorece a revisão da prática convencional. Rever atitudes de ensino pelo professor corresponde a ponderar necessidades de inovação da prática como o objeto principal da capacitação ou da formação continuada do professor hoje. (SOARES, 2006, p. 39)

Segundo Xavier (2012) nas sociedades em que prevalecem a escrita da língua, as instituições escolares, vem desenvolvendo um papel fundamental, no processo de alfabetização e letramento dos alunos. Estas parecem ser as duas prioridades da escola: alfabetizar e letrar pessoas. Sem dúvida, a escola através de tecnologias tais como (rádio, TV, jornais e revista) e agora através das novas tecnologias (internet, CD, CD-ROM, DVD), ajuda a consolidar a cultura da escrita, mas como nos alerta Corrêa (2002, p. 46) “o valor da tecnologia não está nela em si mesma, mas depende do uso que fazemos dela”. Por isso a Aluna R destaca: “Vou continuar a estudar, fazer faculdade, ser gente! Eu não sei mexer em nada, as tecnologias podem nos ajudar no nosso dia a dia. Com certeza facilita, mas é caro, é difícil mexer, pagar conta, falar com alguém, zap zap..”. (Aluna R. 40 anos).

“*Fazer faculdade, ser gente*” nos remete a pensar em outros valores presentes na sociedade, ser gente incorpora amadurecimento, laços fortes, comprometimento consigo e com os outros. Na preocupação em “ser gente” sobressai as qualidades que ligam os seres humanos uns aos outros. Essa perspectiva nem sempre se coaduna com o rápido retorno, ou “facilidades” próprias das novas tecnologias.

Nesse sentido, Corrêa (2006) acrescenta que o que somos pode ser mediado pela tecnologia, mas nos tornamos depende de nossos afetos, de nossas competências, do lugar social que ocupamos, na escola: “Tal análise serve para o uso dos diversos recursos tecnológicos, desde o uso de transparências, apresentações em quadro-negro ou PowerPoint até a internet”. (CORRÊA, p. 46, 2002)

Portanto, o que devemos ter claro é o conceito de tecnologia, articulado com o conceito de sociedade, indivíduo, educação e ensino, especialmente, quando nos referimos aos grandes centros urbanos e aos alu-

nos da EJA. Esses alunos, geralmente, trabalham e de certa forma tem acesso as novas tecnologias como destacado:

Muitas coisas mudou, o nosso trabalho necessita do computador, o trabalho exige, no passado era menos, hoje se aumentou a quantidade do volume, os funcionários, saber os direitos, meu dia a dia é aprender o que se passa no colégio, no quadro, a tecnologia está mais avançada, temos que colocar no sistema do computador para saber o que estamos fazendo. Primeiro antes de tudo, temos que aprender a leitura do quadro, temos que aprender a ler, para depois saber outras coisas. Adianta (...) o dia a dia é mais fácil de correr, antigamente levávamos muito tempo, mandar um fax para Brasília onde é muito mais fácil. Ele (o trabalhador) hoje tem mais facilidade, por causa das prestações, o que pequeno antes não conseguia comprar, hoje todos tem cartão de cartão de crédito". O computador é necessário... jogar no computador. (Aluno R. 45 anos)

"*Muita coisa mudou*" o aluno percebe as alterações presentes em seu ambiente de trabalho como: tempo de comunicação, aumento do volume de trabalho, facilidade de informações sobre os seus direitos. Porém destaca que "*primeiro antes de tudo, temos que aprender a leitura do quadro*", essa fala nos remete a aquisição do processo da leitura e da escrita, nesse sentido, ao refletir sobre as funções básicas da educação escolar, Sancho (1998) destaca que as escolas são uma tecnologia, uma solução à necessidade de proporcionar educação a todos os cidadãos e cidadãs.

O fato de o aluno reconhecer ser "*o computador necessário*" e acrescentar que "*o pequeno antes não conseguia comprar, hoje todos tem cartão de crédito*" nos alerta o quanto, muitas vezes, negamos e/ou desconsideramos a inserção dos alunos da EJA no reconhecimento e uso das novas tecnologias na medida em que não possibilitamos "a compreensão da cultura do seu tempo e o desenvolvimento do juízo crítico sobre elas. (SANCHO, 1998, p. 41)

#### **4. Considerações finais**

A tecnologia evoluiu da técnica, que foi evoluindo com o próprio homem. Sabemos que as novas tecnologias podem ser aliadas da prática pedagógica do professor, mas nos indagamos: estão os professores preparados para o uso e reuso de tais tecnologias? Como o professor enquanto cidadão se movimenta nessa sociedade mediada pelas novas tecnologias?

Quanto aos alunos da EJA fica evidenciado para alguns a lacuna entre a apropriação de saberes propostos pela escola e a apropriação de

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

saberes próprios das novas tecnologias, igualmente nos indagamos: estão os alunos da EJA preparados para o uso e reuso de tais tecnologias? Os jovens da EJA são parte da geração digital?

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Documento nacional preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI CONFINTEA) / Ministério da Educação (MEC)*. Brasília: MEC; Goiânia: FUNAPE/UFG, 2009.

CORRÊA, Juliane. Novas tecnologias da informação e da comunicação: novas estratégias de ensino/aprendizagem. In: COSCARELLI, Carla Vianna. (Org.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 43-50.

KNELLER, G. F. *A ciência como atividade humana*. São Paulo. Zahar/Edusp, 1978.

MORTATTI, Maria do Longo. (Org.). *Alfabetização no Brasil: uma história de sua história*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

SANCHO, Juana M. *A tecnologia: um modo de transformar o mundo carregado de ambivalência*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANCHO, Juana M. (Org.). *Para uma tecnologia educacional*. Trad.: Neves, B. A. Porto Alegre: Artmed, 1998, 28-40.

SOARES, Suely Galli. Ensino superior e tecnologias educacionais. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Cultura do desafio: gestão de tecnologias de informação e comunicação no ensino superior*. São Paulo: Alínea, 2006.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 25, p. 05-17, jan./abr.2004.

TOLMASQUIM, A. T. Instrumentalização e simulação como paradigmas da ciência moderna. In: D'AMBRÓSIO, U. (Org.). *Anais do 2º Congresso Latino-Americano de História da Ciência e da Tecnologia*. São Paulo: Nova Stella, 1989, p. 83-87.

VERASZTO, E. V.; SILVA, D.; SIMON, F. O.; BARROS FILHO, J., BRENELLI, R. P. O caráter multidisciplinar da educação tecnológica: desenvolvendo atividades práticas contextualizadas a partir de uma relei-

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

tura dos Parâmetros Curriculares Nacionais In: \_\_\_\_\_. *Desafios da Educação neste século: pesquisa e formação de professores*. 1. ed. Cruz Alta: Centro Gráfico UNICRUZ, 2003, vol. 02.

XAVIER, Antonio. C. S. O. *O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. 2012. Tese (de Doutorado). – Unicamp, Campinas.